

CARLINHOS ZASSALA

INICIAÇÃO À PESQUISA CIENTÍFICA

*Ler, captar o essencial e tomar apontamentos.
O método de estudo universitário.*

PREFÁCIO DE Mário Fresta



2ª edição

Copyright © **Carlinhos Zassala/Mayamba Editora, Luanda — 2013**

Colecção: Kunyonga

Título:

INICIAÇÃO À PESQUISA CIENTÍFICA

Autor:

Carlinhos Zassala

Edição:

Mayamba Editora

Editor:

Arlindo Isabel

Capa:

Carlos Roque

Paginação:

Helder Alves

Impressão e Acabamento:

Damer Gráficas, SA

Talatona, Luanda-Sul * Angola

Tiragem: **2.000 Exemplares**

1.ª edição: **Luanda, Abril de 2012**

2.ª edição: **Luanda, Julho de 2013**

Mayamba Editora

Rua 3, n.º 231 — Urbanização Nova Vida

Caixa Postal n.º 3462 - Luanda

mayambaeditora@yahoo.com

Depósito Legal n.º 5417/11

ISBN: 978-989-8528-14-8

ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	9
<i>Nota do Autor</i>	11
<i>Introdução.</i>	13
CAPÍTULO I – A ORGANIZAÇÃO DA VIDA ESTUDANTIL	15
1.1. Como estudar	16
1.2. Como tomar apontamentos.....	20
1.3. Como ler melhor e mais rápido.....	21
CAPÍTULO II – NOÇÕES DE BIBLIOTECONOMIA	27
2.1. Definição de conceitos	27
2.2. Tipos de obras.....	28
2.3. Tipos de ficheiro.....	28
2.4. Catalogação dos livros.....	29
CAPÍTULO III – O CONHECIMENTO CIENTÍFICO E OUTROS TIPOS DE CONHECIMENTO	33
3.1. O conhecimento popular.....	34
3.2. O conhecimento filosófico.....	35
3.3. O conhecimento religioso.....	36
3.4. O conhecimento científico.....	37
CAPÍTULO IV – CLASSIFICAÇÃO DOS TRABALHOS CIENTÍFICOS	39
4.1. Definição de um trabalho científico	41
4.2. Pesquisa experimental.....	41
4.3. Pesquisa histórica	41
4.4. Pesquisa descritiva	42
4.5. Pesquisa correlacional.....	44
4.6. Pesquisa ex-post facto.....	45
4.7. Pesquisa filosófica	46
4.8. Pesquisa literária.....	46
CAPÍTULO V – AS ETAPAS DE UM TRABALHO CIENTÍFICO	47
5.1. Determinação do tema.....	47
5.2. Levantamento da bibliografia	49
5.3. Leitura e documentação	50
5.3.1. O plano provisório do trabalho	50
5.3.2. A leitura de documentação	51
5.3.3. A documentação	52
5.4. A construção lógica do trabalho.....	53
5.5. A redacção do texto	55
5.6. A formulação das hipóteses.....	55
5.6.1. Tema e problema.....	56
5.6.2. Problema e hipótese.....	56

5.6.3. Formulação de hipóteses.....	57
5.7. Variáveis — elementos constitutivos das hipóteses.....	58
5.7.1. Variáveis independentes e dependentes	60
CAPÍTULO VI – ASPECTOS TÉCNICOS DA REDACÇÃO.	61
6.1. A apresentação gráfica geral do trabalho.....	61
6.2. A forma gráfica do texto.....	63
6.3. As citações	64
6.4. As notas de rodapé.....	65
6.5. A técnica bibliográfica.....	69
6.5.1. Observações referentes à indicação do autor	70
6.5.2. Observações quanto ao título dos escritos	73
6.5.3. Observações quanto à edição do documento.....	76
6.5.4. Observações quanto ao local de publicação	77
6.5.5. Observações quanto à editora.....	77
6.5.6. Observações quanto à data	78
6.5.7. Observações quanto à indicação do número de páginas.....	78
6.5.8. Observações gerais sobre alguns casos especiais	79
CAPÍTULO VII – A ORGANIZAÇÃO DO PROJECTO DE UM TRABALHO CIENTÍFICO.	81
I. O PROBLEMA	82
7.1. Introdução.....	82
7.2. Formulação do problema	83
7.3. Importância do estudo.	83
7.4. Fundamentos teóricos	83
7.5. Formulação de hipóteses.....	83
7.6. Definição dos termos e conceitos	84
7.7. Limitação e delimitação do estudo	84
7.8. Objectivo da pesquisa.....	85
II. METODOLOGIA.	85
7.9. População e amostra.....	85
7.10. Instrumento (s)	85
7.11. Variáveis.....	85
7.12. Modelo	85
7.13. Procedimento.....	88
CAPÍTULO VIII – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO.	89
8.1. Codificação: a categorização dos dados	89
8.1.1. Problemas de precisão na codificação.....	90
8.2. Tabulação	93
8.3. Análise estatística dos dados.....	94
8.3.1. Descrição dos dados.....	95
8.3.2. Generalização para as populações de que foram tiradas as amostras.....	99
8.4. A inferência de relações causais.....	101
CAPÍTULO IX – TÉCNICAS DE COLECTA DE DADOS	103
9.1. O questionário	104
9.1.1. Os fenómenos psicossociais da situação de resposta a questões.....	105
9.2. A entrevista.....	117
9.2.1. O entrevistador face à face com o entrevistado.....	119
9.3. A observação.....	122
9.3.1. Observação assistemática	124
9.3.2. Observação sistemática	125
<i>Bibliografia Consultada</i>	127

Prefácio

Mário Fresta

A *Iniciação à Pesquisa Científica* que o Professor Carlinhos Zassala nos propõe vai certamente ser de grande utilidade para os estudantes universitários de psicologia mas também, estamos certos, vai despertar o interesse doutros estudantes, de profissionais de psicologia e de outras ciências, de investigadores e de professores, principalmente – mas não só – daqueles que exercem o seu mister em Angola.

Dizia que o Professor Zassala “...nos propõe” porque, com a modéstia própria dos espíritos sublimes, ele próprio considera na introdução que apenas está a “sugerir o instrumento geral” e recomenda expressamente a “necessidade e importância da utilização de revistas, manuais e dicionários especializados” assim como alerta, mais adiante, que “como em outros sectores da metodologia, há aqui também muitas divergências ou orientações”. Desta forma, mais do que prescrever normas – o que compete às instituições fazer – o autor prefere claramente o papel de educador e guia nessa aventura de “descobrir respostas para as perguntas, através do método científico”.

Embora tendo permanentemente em vista a apresentação do trabalho de fim de curso pelos estudantes universitários, o Professor Zassala não deixa de alertar para que se trata “duma iniciação metodológica ao trabalho intelectual **a ser desencadeado desde o limiar da frequência universitária**” (o sublinhado é nosso) o que nos parece particularmente salutar e contrasta – infelizmente – com algumas instituições ou cursos em que só no final o estudante é “surpreendido” com a necessidade de desenvolver um trabalho de investigação.

É realmente uma obra muito abrangente que começa por discutir os métodos de estudo no meio universitário, apresentar alguns aspectos fundamentais da biblioteconomia e comparar os diferentes tipos de conhecimento, para passar então, com maior detalhe, a examinar a tipologia dos trabalhos científicos e a metodologia da sua realização – desde a elaboração do projecto de pesquisa até à derradeira redacção do texto – debruçando-se tanto sobre aspectos de substância como sobre aspectos formais, uns e outros de grande importância.

Preocupado com os estudantes, o Professor Zassala apresenta um texto bastante didáctico, de fácil leitura, profusamente ilustrado com exemplos muito elucidativos e conselhos – fruto da sua longa experiência nesta matéria – de como e porque se deve proceder em cada uma das etapas da pesquisa, quais as cautelas a ter e os perigos a evitar – particularmente no estudo dos fenómenos psicossociais cuja “pesca” – para utilizar a sua metáfora – é particularmente complexa.

Auguramos uma leitura aprazível e proveitosa a todos quantos procurarem esta obra e felicitamos o autor pela iniciativa.

Nota do Autor

É uma decisão sabia a nível do 1.º ano de todas as instituições do Ensino Superior em Angola introduzirem no plano curricular a cadeira de Introdução à Pesquisa Científica. O Ensino Superior, ontem, era mais uma exigência de aprimoramento intelectual. Hoje é exigência de sobrevivência e desenvolvimento de um país.

Em países desenvolvidos ou em desenvolvimento, o ensino superior tem finalidades profissionais e de pesquisa. Impõe-se na actualidade, como exigência de independência e desenvolvimento de um país. Os países que não desenvolvem a pesquisa dificilmente terão soluções apropriadas às suas reais necessidades e dificilmente poderão libertar-se dos pesados encargos económicos de “pagar” a ciência alheia.

A independência de um país, hoje, consolida-se pela sua ciência uma vez que o desenvolvimento industrial e agrícola está ligado à pesquisa científica, e um país que não puder providenciar a sua própria produção industrial e agrícola para seu abastecimento e possível exportação estará longe de se considerar independente... Assim, os povos que não conseguirem elaborar a sua própria ciência, através das suas próprias pesquisas, terão de ser, fatalmente, caudatários de outros povos mais evoluídos cientificamente.

A debilidade do campo científico vai provocar, decididamente, debilidade na produção e na solução das dificuldades nacionais, que irão reflectir-se na sua economia.

A nossa experiência académica ensina-nos que muitos estudantes universitários não sabem estudar, tomar apontamentos e realizar uma leitura rápida, condições *sine-qua-non* para os estudos a nível do ensino superior.

Pensamos que a introdução desta cadeira permitirá aos finalistas apresentarem uma dissertação de fim de curso amparada em regras cientificamente aceites.

Introdução

Esta cadeira pretende apresentar aos alunos que se iniciam na vida científica universitária alguns subsídios para as várias tarefas com que se defrontarão durante o desenvolvimento do seu trabalho intelectual.

Trata-se, pois, de uma iniciação metodológica ao trabalho intelectual a ser desencadeado desde o limiar da frequência universitária. São apresentadas normas bastante práticas para o estudo, visando torná-lo cientificamente organizado, o que garantirá, sem dúvida, resultados compensadores.

O trabalho científico foi tomado como um conjunto de processos de estudo, de pesquisa e de reflexão que caracterizam a vida intelectual do universitário; um conjunto de actividades intelectuais realizadas com exigências do curso superior, apresentando directrizes para a criação de hábitos de estudo que sustentem validamente as posturas que constituem o trabalho científico.

Neste sentido e com este espírito, são abordados no primeiro e no segundo capítulos algumas orientações que visam fornecer ao estudante uma visão global de como deve organizar a sua vida de estudo na universidade. Trata da organização do trabalho de maneira bem disciplinada, para que dele se possa tirar maior proveito. Sugerido o instrumento geral que deverá ser usado como base do trabalho, chama-se a atenção para a necessidade e a importância da utilização de revistas, bibliografias e dicionários especializados para o estudo científico, assim como para o modo do aluno se orientar numa biblioteca.

No terceiro capítulo apresentamos os tipos de conhecimento. O conhecimento científico não constitui a única fonte do conhecimento humano. Existem distintos conhecimentos, a saber: o conhecimento popular, o conhecimento filosófico, o conhecimento religioso e o conhecimento científico.

No quarto capítulo apresentamos os tipos de pesquisa e as etapas necessárias para cada tipo de pesquisa.

No quinto capítulo são apresentadas de forma geral as etapas de um trabalho científico.

No sexto capítulo abordamos as fontes, as citações e as referências bibliográficas.

No sétimo capítulo objectiva-se a organização de um trabalho científico ou trabalho de fim de curso, i.e., a sua estrutura básica. Nos dois últimos capítulos são abordados os problemas referentes à apresentação de um trabalho científico e às técnicas de colecta de dados, nomeadamente, o questionário, a entrevista, a observação, os testes e o estudo documentário. O objectivo da PESQUISA é descobrir respostas para perguntas, através do emprego de processos científicos. Tais processos foram criados para aumentar a probabilidade de que a informação obtida seja significativa para a pergunta proposta e, além disso, seja precisa e não-viesada.

A pesquisa começa sempre com alguma forma de pergunta ou de problema:

- Por que, habitualmente, as maçãs caem no chão, em vez de flutuarem no espaço?
- Será que os esforços de uma instituição educativa para reduzir a delinquência juvenil num bairro estão a obter os resultados desejados?

A cadeira de Iniciação à Pesquisa Científica é uma cadeira instrumental, tal como a cadeira de Estatística. No fim do curso, irão ser necessários estes instrumentos para a elaboração do trabalho final, requisito para a obtenção do grau de licenciatura.

CAPÍTULO I

A ORGANIZAÇÃO DA VIDA ESTUDANTIL

Ao dar início a esta nova etapa da sua formação escolar ou académica, a etapa do ensino superior, o estudante dar-se-á conta de que se encontra diante de exigências específicas para a continuidade da sua vida de estudos. Novas posturas diante de novas tarefas ser-lhe-ão logo solicitadas.

Daí a necessidade de assumir prontamente esta nova situação e de tomar medidas apropriadas para enfrentá-la.

É claro que o processo pedagógico-didáctico continua, assim como a aprendizagem que dele decorre. No conjunto, porém, as suas posturas de estudo devem mudar radicalmente, embora explorando tudo o que de concreto aprenderam nos seus estudos anteriores.

Em primeiro lugar, é preciso que o estudante se consciencialize de que doravante o resultado do processo depende fundamentalmente dele mesmo. Seja pelo seu próprio desenvolvimento psíquico e intelectual, seja pela própria natureza do processo educativo desse nível, as condições de aprendizagem transformam-se no sentido de exigirem do estudante maior autonomia na efectivação da aprendizagem, maior independência em relação aos subsídios de estrutura do ensino e dos recursos institucionais que ainda continuam a ser oferecidos.

O aprofundamento da vida científica passa a exigir do estudante uma postura de auto-actividade didáctica que será, sem dúvida, crítica e rigorosa.

Todo o conjunto de recursos que está na base do ensino superior não pode ir além da sua função de fornecer instrumentos para uma actividade criadora.

Em segundo lugar, convencido da especificidade dessa situação, deve

o estudante empenhar-se num projecto de trabalho altamente individualizado, apoiado no domínio e na manipulação de uma série de instrumentos que devem estar contínua e permanentemente ao alcance das suas mãos.

É com o auxílio desses instrumentos que o estudante se organiza na sua vida de estudo e disciplina a sua vida científica. Este material didáctico e científico serve de base para o estudo pessoal e para a complementação dos elementos adquiridos no decurso do processo colectivo de aprendizagem na sala de aula.

Dado o novo estilo de trabalho a ser inaugurado pela vida universitária, a assimilação de conteúdos já não pode ser feita de maneira passiva e mecânica como costuma ocorrer muitas vezes, nos ciclos anteriores.

Já não basta a presença física nas aulas e o cumprimento forçado de tarefas mecânicas: é preciso dispor de um material de trabalho específico na sua área e explorá-lo adequadamente.

1.1. COMO ESTUDAR

A formação universitária acarreta quase sempre actividades práticas, de laboratório ou de campo, culminando no fornecimento de algumas habilidades profissionais próprias de cada área.

Naturalmente, as várias áreas exigem, umas mais, outras menos, essa prática profissional. Contudo, antes de aí chegar, torna-se necessária uma base teórica pela qual responde, fundamentalmente, o ensino superior.

Essa fundamentação teórica das ciências, das artes e das técnicas é justificativa essencial desse nível de ensino. E é por aí que se inicia a tarefa de aprendizagem na Universidade.

A assimilação desses elementos é feita através do ensino nas aulas, mas é garantida pelo estudo pessoal de cada estudante. E é por isso que precisa ele dispor dos devidos instrumentos de trabalho que, no nosso meio, são fundamentalmente bibliográficos

Ao dar início à sua vida universitária, o estudante precisa começar a formar a sua biblioteca pessoal, adquirindo paulatinamente, mas de maneira sistemática, os livros fundamentais para o desenvolvimento do seu estudo. Essa biblioteca deve ser especializada e qualificada. As obras de referência geral, os textos clássicos esgotados, são encontrados nas